Santo Nelson d'après Santo Agostinho
Nelson Saint of après Saint Augustin
Santo de Nelson del Santo Agustín de los ápres

Análise comparativa entre o pensamento filosófico do pensador medieval e teológico Agostinho de Hipona, e o teatro do escritor brasileiro Nelson Rodrigues, sobre o qual reside o entendimento errôneo de tratar-se de obra de um libertino ou pornógrafo, enquanto os fundamentos reais de sua obra residem nos conceitos teológicos e na oposição entre alma imortal e corpo efêmero, este último entregue, por sua natureza, ao pecado, paradoxalmente necessário para a alma que, através dele, reconhece sua condição e transcendência.

Comparative analysis between philosophic and theological thought of medieval thinker Agostinho de Hipona and Brazilian writer Nelson Rodrigues' theater which is considered to be libertine and pornographic although its real principles are based on theological concepts and the opposition between immortal soul and ephemeral body, this later, due to its nature, being bound to sin which is paradoxically necessary to a soul that recognizes its condition and transcendence through it.

Análisis comparativo entre el pensamiento filosófico del pensador medieval y teólogo Agustín de Hipona, y el escritor de teatro brasileño Nelson Rodrigues, sobre el cual reside un prejuicio erróneo de tratarse de la obra de un libertino o pornógrafo, pero los verdaderos fundamentos de su obra residen en conceptos teológicos y en la oposición entre el alma inmortal y el cuerpo efímero, este último entregado, por su naturaleza, al pecado, paradójicamente necesario para el alma que, a través de él, reconoce su condición y transcendencia.

Palavras-chave: corpo, alma, literatura.

Autor:

Rachel Fátima dos Santos Nunes

Professora xda Universidade Estácio de Sá, desempenhando hoje funções de Coordenação no Campus Vila Valqueire, tendo concluído bacharelado (1995) e mestrado (1999) em Letras/Literatura Brasileira na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, e doutorado (2005) em Letras/Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense.

E-mail: rachelsnunes@ig.com.br

"O desejo de ascender ao paraíso está tão enraizado no homem quanto a sua irreversível tendência a se precipitar no inferno" Luis Arthur Nunes

Quase ninguém saberá de quem se trata se nomearmos como admirado filósofo o senhor Agostinho de Hipona. Mas ninguém ignorará o mestre se o nomearmos simplesmente Santo Agostinho. Ele é o célebre autor da frase muitas vezes citada na forma "Senhor, livrai-me das tentações, mas não hoje", o santo pecador, o teórico do amor, aquele que escreveu as Confissões e, na obra A Cidade de Deus, assentou as estruturas teológicas da Igreja Católica Apostólica Romana. Isso, é claro, em termos básicos, pois, como sabemos, somente estudiosos e especialistas conhecem a obra de Agostinho além do mero "ouvi dizer", o que, de resto, é aceitável, como também é o fato de todos possuírem igual referência da Teoria da Relatividade, Teoria Quântica, dos Escritos de Economia Política, A Origem das Espécies, etc.; listagem que poderíamos levar ao infinito.

Se falarmos de Santo Nelson, nenhum católico devoto levará o nome à pessoa, pois não existe, até manifestação em contrário, nenhum Santo Nelson entre os canonizados pela Igreja

Católica. Alguns poderão aventar a possibilidade: "Falas de Nelson Rodrigues?". Sim, falamos de Nelson Rodrigues, o dramaturgo, romancista, contista e cronista brasileiro, santo para alguns poucos admiradores, e muitos desses o investiram como tal não por sua proverbial "santidade", mas pelo que lhe seria inverso. Mas não é. Talvez poucos percebam que Nelson Rodrigues tem como centro de suas preocupações éticas e estéticas os conceitos católicos, principalmente os estabelecidos por Santo Agostinho. Somando este último à literatura russa (Dostoiévski e Tolstói) e ao teatro grego antigo, temos nosso autor, que nunca aspirou à santidade, nem se pretendeu bispo, mas ajudou a propagar e tornar mais citável ainda o nome do "santo pecador".

Portanto, um filósofo da Idade Média e um dramaturgo do século XX são os objetos de análise, bem sintética, neste artigo. A aproximação da visão de mundo de autores de épocas tão distintas torna-se possível a partir da averiguação dos temas ligados ao sexo e à punição, a carga teológica do pecado original, a redução ao corpo que afasta o homem da santidade e a crença na imortalidade da alma.

De acordo com Hanna Arendt, é de nascença que o homem endossa a natureza pecadora; antes de qualquer escolha livre, o seu ser é pecador. E para Santo Agostinho, no bojo da sociedade medieval, avultava a chama indelével do desejo carnal, marcada pela culpa do pecado original advindo do impulso sexual, a atormentar o homem desde a tenra idade até a morte. Uma maldição que acompanhou Adão e Eva, e logo seus descendentes, desde o momento da queda e expulsão do Paraíso. Desse modo, a sexualidade permanece como indicador da queda do homem, um deslizamento para baixo, para a natureza física e desta para a degradação e o sofrimento.

Em Nelson Rodrigues, também o estigma do pecado original, a condição carnal humana, está associada ao desejo corpóreo,

aos instintos bestiais. Envolto na busca pelo prazer, seus personagens vislumbram o pecado e a culpa, por esse viés alcançando também o brilho da pureza da alma, e daí sua imortalidade. Por vezes, através da mutilação física, ou mesmo do completo aniquilamento do corpo, manifestam a busca da compreensão do que só lhes é dado capaz de perceber através da razão, manifestação do espírito que recua diante da execução do mal (apesar da mesma razão produzir-se somente de forma simbiótica, unindo biologia e espírito). Sem o recuo, a manifestação radical contra a entrega completa à abjeção, o homem estaria se condenando a “andar de gatas”, no dizer do autor, isto é, recrudescer à condição bestial, no sentido da animalidade presa aos meros instintos de sobrevivência e de reprodução. Ora, se para Agostinho o pecado é uma transgressão da lei divina, na medida em que a alma foi criada por Deus para reger o corpo e o homem, fazendo mau uso do livre-arbítrio, inverte essa relação, subordina a alma ao corpo e cai na concupiscência e na ignorância, Nelson só faz repeti-lo, transfigurando somente sua linguagem para uso teatral e literário.

A já citada máxima, sob nova forma, “Deus, faze-me puro e casto, mas não agora!”, repete-se a todo momento na obra rodriguesana. Podemos dizer que os personagens de Nelson Rodrigues nada mais fazem do que demonstrar a justeza da fórmula agostiniana, indo de encontro ao seu sentido essencial: é no aprofundamento das torpezas e fraquezas humanas que reconhecemos o salto possível para a transcendência, como diz o próprio Nelson:

Meu teatro se preocupa em contemplar a natureza humana com as suas possibilidades de transcendência e redenção. (...) O ser humano só se salva quando chega a conhecer a própria hediondez. É isso que eu procuro no meu teatro: reconhecer a hediondez do ser humano. (RODRIGUES, Nelson, 1985, p. 23)

A queda do homem, segundo José Américo Pessanha, é de inteira responsabilidade do livre-arbítrio humano, mas este não é suficiente para fazê-lo retornar às origens divinas. A salvação não é apenas uma questão de querer, mas de poder. E esse poder é privilégio de Deus. Chega-se, com este raciocínio, à doutrina da predestinação e da graça, uma das idéias centrais da filosofia de Agostinho:

A graça é necessária para que o homem possa lutar eficazmente contra as tentações da concupiscência. Sem ela o livre-arbítrio pode distinguir o certo do errado, mas não pode tornar um bem um fato concreto. Sem o auxílio da graça, o livre-arbítrio elegeria o mal; com ela, dirige-se para o bem eterno” (PESSANHA, José Américo, in Os Pensadores, 1990, p. 21)

Para alcançar a graça, Agostinho nos diz que o espírito deve governar o corpo para que ambos possam fruir de Deus. De acordo com Hanna Arendt, a graça a ser alcançada só é acessível ao humilhado, e que só ele a pode receber, aquele que reconheceu como pecado a sua incapacidade e a sua inferioridade face à exigência. A graça divina é o acolhimento renovado da criatura que ele próprio criou. Esse acolhimento a uma nova criação, é ela própria o reconhecimento do criador, o amor que só o humilhado pode reconhecer e aceitar, e que se realiza na reconciliação com Deus.

Na peça *Toda Nudez Será Castigada*, do autor brasileiro, o próprio título nos fala de uma prescrição, um castigo a cada vez que os corpos dos personagens ficam expostos. A peça inicia com a narrativa confessional da prostituta Geni que nos contará a respeito do seu relacionamento com Herculano, um homem de meia idade que acaba de perder a esposa. Esses personagens, por mais que tentem recuar, acabam por sucumbir às tentações, ainda que conservando sempre um anelo de pureza que os inunda de culpa. Chafurdando no pecado, mas com o olhar nas estrelas, a

queda trágica é a sua punição. Aguarda-os o aniquilamento, às vezes autoinfligido.

A angústia existencial exprime-se num sentimento de culpabilidade, a reclamar autopunição, em uma constância obcecada. Punição à marca da sexualidade, como podemos perceber nas próprias palavras de Nelson, citadas na biografia deste, por Ruy Castro: “A única salvação possível do homem está no amor, sentimento que o absolve do exílio terrestre. Eu acho que se pode amar sem sexo, já que o sexo não leva o homem à salvação.” (2000, p. 20)

Por isso, quando seus personagens deixam se levar pelo desejo exclusivamente carnal, algo de profundamente trágico acontece. Em *Toda Nudez Será Castigada*, os personagens refêns do desejo se autodestroem: entre o luto, a abstinência sexual, e o desejo, Herculano sucumbe. Por duas vezes Herculano viola o interdito e mergulha no prazer com Geni, no amor tantas vezes contido, adiado, para saber depois que sua “loucura” havia sido vista pelo filho, que seria sexualmente violado na prisão. A transgressão de Herculano provoca a violência contra seu próprio filho, enquanto este último reconhece em si mesmo condição similar à do próprio pai – o “anjo puro” das tias mergulha na abjeção ratificada por Nelson pela sua entrega ao que seria de mais inferior – e aqui um efeito cômico se une ao trágico – o ladrão boliviano que, contudo, constitui novo paradoxo se o compararmos ao “bom ladrão” do Gólgota, na cena da crucificação de Cristo, este último sendo perdoado por Jesus e destinado ao Paraíso, o boliviano sedutor de Serginho em sua própria via crúcis, não em direção ao céu, mas ao inferno da carne e do desejo humano, indispensável, porém, ao reconhecimento, por Serginho, se sua condição humana, à parte das idealizações das tias e suas perversidades sexuais evidentes – banhavam o rapaz acentuando sua pureza, guardando para si mesmas os olhares lúbricos.

Como Nelson Rodrigues não vê salvação fora da graça, depois que o filho de Herculano cai do pedestal místico (rapaz casto e puro que foi violentado na prisão), todos podem apodrecer, porque, conforme visão do autor, o *reductio ad absurdum* do corpo afasta o homem da santidade. Se a salvação do homem para Nelson está no amor eterno, sua ausência leva a punição para a família, mas tudo isso concorre para que, diante da morte, a alma seja reconhecida e, desligando-se do corpo, seja inexoravelmente destinada à salvação eterna.

Veremos que também, para Agostinho, o homem deve se livrar dos desejos corpóreos para conseguir a salvação da alma. Conforme comenta Hanna Arendt, o desejo para Agostinho está ligado ao divertimento, à fuga de si, à vontade de se fixar ao que aparentemente tem permanência. A esta fuga de si mesmo Santo Agostinho opõe o procurar a si mesmo. Neste regresso a si, ele encontra Deus:

Efetivamente, o que é que se quer dizer com falar de si mesmo através de Ti, senão aprender a conhecer-se a si mesmo? E eu procuro-te fora de mim, e não encontro o Deus do meu coração. Pois ele estava dentro e eu de fora. Em seguida, exortado a regressar a mim mesmo, penetrei no meu próprio interior, sob a Tua condução; e isso foi-me possível porque Tu vieste ajudar-me. (AGOSTINHO, Confissões, in Os Pensadores, 1990, p. 33)

A alma será a maior preocupação filosófica de Agostinho, como ele mesmo afirmou: “quero conhecer Deus e a alma: nada mais”. Para ele, o homem seria o resultado da alma com o corpo, um ser intermediário entre as bestas e os anjos, o que mais uma vez nos faz associar ao pensamento de Nelson Rodrigues. Agostinho chega à conclusão de que a alma é imortal, porque conhece as verdades eternas, e nada do que seja o lugar do destrutível

pode desaparecer. O corpo, invólucro, ao conhecer o pecado, prepara, assim, a via do conhecimento do espírito, conduzindo o ser ao arrependimento e à salvação.

Para Agostinho, de nada valeria a felicidade do homem sem a busca de Deus. Nessa busca, o homem deve agir com moderação, pois os excessos levam ao pecado. De forma semelhante a Nelson Rodrigues, Agostinho indica-nos o caminho do amor a Deus para que, do mesmo modo que Deus é eterno, também nós permanecemos eternos, pois tal é o objeto desse amor e tal o é quem ama. Conclui-se então que, na concepção de ambos os autores, encontrando Deus, o homem encontra o que lhe falta (que não está na dimensão do desejo corpóreo, mas dele precisa para revelar-se), aquilo que ele precisamente não é (o corpo) – eterno.

É quase impossível olhar Nelson Rodrigues sob a luz da literatura contemporânea, dos conceitos contemporâneos, sob um prisma histórico, e por uma razão muito simples: ele refuta a história. Seus modelos literários são do século XIX, como Tolstói e Dostoiévski, matrizes de seus personagens obcecados, com fixações frasais, à busca do sentido, da iluminação, da transcendência. Já seus modelos ideológicos provêm do cristianismo medieval, do século IV, de Agostinho, com empréstimos da mitologia grega, na medida em que esta se embute no corpo teológico cristão. Debatem-se sobre o destino, e cada ação voluptuosa nada mais revela do que a presença constante da alma, a busca pela ação moral, guardada e secreta em suas obsessões reveladas pela carne da qual se libertarão pela morte, embora, ainda em vida, possam receber “iluminações” acerca de sua própria finalidade e destino.

Aspectos importantes, que revelam o aspecto estritamente moral de Nelson, encontramos nos detalhes que pontificam seus textos, marcando-os com a volubilidade dos tempos, pois para ele nada se encontra através do olhar histórico; olhar para o tempo que passa é olhar para os subprodutos dos enganos humanos, desde o Chica Bon até o escandaloso (para ele e em sua época) filme *Les Amants*, passando pela última marchinha de carnaval, ou os padres de passeata, a descuidar (novamente conforme sua visão estritamente pessoal) do que lhe é mais caro e essencial: as almas de seus rebanhos. É situando o homem no tempo que Nelson exprime o conhecimento de que não há tempo para o eterno, para Deus, compreendendo as assertivas agostinianas:

A isso me respondeis. Porque sois o meu Deus o dizeis com voz forte ao ouvido interior do vosso servo, rompendo a minha surdez e exclamando: ‘Homem, o que minha Escritura diz, Eu o digo. Mas ela di-lo no tempo, e este não atinge o meu Verbo, que subsiste comigo numa eternidade igual à minha. Assim, o que vedes pelo meu espírito, sou Eu que o vejo; o que dizeis pelo meu espírito, sou Eu que o digo. Mas, assim como quando vós contemplais estas coisas no tempo, Eu não as contemplo no tempo, assim, quando vós as dizeis no tempo, Eu não as digo no tempo. (AGOSTINHO, *Confissões*, in *Os Pensadores*, 1990, p. 410)

E há alma em cada personagem de Nelson Rodrigues, mas, para que haja alma, é preciso haver corpo, carne, conflito, instintos animais e o desejo sexual fundido com o desejo de transcendência, nada mais que o próprio desejo da morte, da pacificação interior obtida com o silêncio do exterior, a não mais ferir o espírito porque este, descarnado, imortal, transcendeu, despegou-se do fortuito, do comum, do banal, daquilo que nos martiriza e é apenas, para Nelson, a aparência do real, pois o real, enquanto histórico, é apenas aparente, e só deixa de o ser na medida em que ocorre o salto para a transcendência, a desvelar o real inaudito, inefável. Ressalte-se, aqui, a técnica do monólogo sempre presente em seus textos, com seus personagens a recitar suas dúvidas e obsessões: a técnica é pautada, óbvio dizer, nas famosas *Confissões* agostinianas.

Voltemos aos personagens das peças, crônicas e romances, ou mesmo das resenhas futebolísticas. O óbvio ululante não é o visível, mais o visível naquilo que só o é na forma de epopéia, de manifestação dos destinos humanos, sem historicidade de cunho materialista, imortais, eternamente se refazendo, se liquefazendo, ganhando a única substância substantersonagens de Nelson corre o salto para a transcendendo fortuito, do comum, do banal, daquilo que nos martiriza e trncia possível: os moldes não seculares de Deus. As paixões adâmicas, as quedas dos anjos, a busca do fogo por Prometeu. Seu olhar para a vida é o olhar daquele que revê as tragédias como destino nas mãos dos deuses, e afinal apenas de um único Deus, aquele que prefigura a razão e oferece a imortalidade da alma para aquele que, enquanto ser vivente e material, sofre, goza, se martiriza e, afinal, reconhece a si mesmo.

Devemos dizer que, além de repetir o caminho (e os textos) de Agostinho, além de tudo, Nelson se repete. Em suas obsessões particulares, em seu combate ao homem histórico, como reacionário que se assumia como tal (sua autobiografia denomina-se, não por acaso, justamente *O reacionário*), nosso autor gira em torno de seu círculo teológico, sem nunca ferir-se com o cotidiano, mas tirando dele apenas o traço episódico, como já dissemos, a ressaltar sua superficialidade, o aspecto vão da vida, onde nos apegamos porque nossa natureza é dualista, mas de cunho maniqueísta; nada de fato se mistura, existem opostos irreconciliáveis, embora todos dependam de todos para manifestar a grandeza única daqueles que são dotados, como enfatizava sempre, de uma alma imortal.

Com essa recusa primordial em reconhecer o devir histórico como práxis humana, e só humana, de suas obras derivam não contestações ou denúncias da hipocrisia pequeno burguesa, como pensam alguns, mas o contrário, um assentimento ancestral a tudo que existe como é, sendo o esforço humano de alterar as circunstâncias históricas mero engano de mentes materialistas que desconhecem o eterno retorno do mesmo. Manifestam-se não as taras e as bestialidades, mas o aspecto santificado de todo pecado, como resultado de uma ação que busca a superação da condição primitiva de ser corpo, matéria e só.

Daí que os escândalos acerca de suas obras soam absurdos, se não resultassem tão somente da incompreensão de suas obras; mas essa incompreensão tão e mais absurda é quanto mais o autor repete as mesmas fórmulas, crônica sobre crônica, peça sobre peça. Há quem refute a pessoa Nelson e ame suas obras por que, enquanto ele apoiava a ditadura militar, suas peças eram censuradas pela mesma ditadura. O apoio à ditadura só é compreensível como descaso à ação política das massas oprimidas, posto que Nelson interessava-se somente pelos indivíduos e a transcendência de cada um de seus espíritos, devendo-se a censura oficial, talvez e tão somente, à cegueira do censor ao conteúdo das peças, levado pela aparência delas, podendo resultar (como resultaram, aliás) em leituras “revolucionárias” de sua obra, ou redução aos limites de uma crônica de costumes (e aqui as interdições se fundamentavam, na “defesa da moral e dos bons costumes da nobre e devota família brasileira”, não mais).

Fixados ao modelo agostiniano, os personagens de Nelson agem como arquétipos cristãos, embora transportados, com resultado bastante cômico, ao cotidiano dos subúrbios cariocas, ou ao suposto Olimpo da Zona Sul. Esse efeito cômico, obtido pelo contraste das caracterizações de suas figuras mezinhas, mas que falam através de frases carregadas de apelos ao definitivo, ao eterno, ao sentido das coisas, à perseguição da verdade, ou mesmo o medo da queda, sempre evocando suas leituras, de Agostinho, é que sustenta o valor do autor nos dias de hoje. Mas não

só: como, através dos tempos, a perseguição de uma verdade que dê sentido à existência humana, ganha contornos de fato eternos, as ambivalências de seu texto calam fundo nas mentes em debate com uma realidade por demais multifacetada, desequilibrada, tendente ao caos.

No entanto, isso ocorre não apenas com relação a Nelson, mas também com toda a literatura hoje em destaque, a saber, os livros de autoajuda, os esotéricos, os francamente religiosos de várias vertentes, desde a cristã à xamânica, passando pela budista. Mesmo as Confissões de Agostinho são mencionadas na biblioteca daqueles que buscam transcender à brutalidade das relações humanas de hoje, a justiça e a pureza, mas, em sofisticada versão, não para hoje... só depois de, economicamente, possuírmos uma boa base para sustentar tal velha e adorável hipocrisia.

Porém, ao contrário das soluções mais apressadas, vamos contra a corrente. Neste parágrafo, deixemos Nelson e Agostinho e foquemos no uso funcionalista da busca pela verdade. A emergência de tais sinais está imediatamente ligada a outros, que nos fazem perceber o quão mal a sociedade se apresenta, e o quanto tudo se esgota, se esvazia, se deteriora, se esvai. Como nossas consciências não podem simplesmente negar esse óbvio, de fato ululante, e não concebe formas históricas de operar uma mudança nesse devir, resta-lhe sonhar com a eternidade, daí esse retorno a teorias não históricas, capazes de fornecer à razão algo supostamente sólido, no qual ela pode se agarrar. O que resulta disso, infelizmente, não é a iluminação, mas a autoilusão, o conformismo diante de um mundo por demais complexo para ter seus signos alterados pela ação criativa de apenas um sujeito, ou mesmo um grupo de sujeitos, agrupados quer seja em clubes, ONG's, partidos políticos, etc.. A sobrevivência dos mitos e de modelos transcendentais à nossa existência depende não de nossa libertação da história, mas, ao contrário, de nossa submissão a ela e, conseqüentemente, a qualquer modelo cuja arquitetura nos seja compreensível, palatável, carregada de promessas, mesmo que vãs.

Não é demais lembrar que, em seu tempo, Agostinho duelou contra a emergência de teorias que julgou falaciosas, ou flagrantemente errôneas, como nos casos dos maniqueístas e donatistas. Enxergamos aqui, além da busca pela verdade, a busca por uma unidade de caráter mais terreno, de cunho político, institucional. Mesmo aqui Nelson o referenda, quando defende suas concepções universais e investe contra o que denominou "padres de passeata"; todo desvio da verdadeira doutrina também se configura em uma recusa de regras de cunho mais institucional, mas a doutrina e a Igreja formam (mais uma vez, ressalte-se, para ele) o amálgama necessário à expressão da verdade.

Essencial, em ambos, porém, é tudo o quanto se refere à tentação e às forças humanas para superá-las pelo caminho que as leva à imortalidade da alma, ao conhecimento do espírito de Deus, que em todos reside. Humilhados, mas não ofendidos, pela ignorância patente dos sentidos às verdades eternas, mesmo que adversários a elas, falou Santo Agostinho, e Santo Nelson não faria melhor, ou mais que repeti-lo:

.Vós, Senhor, podeis julgar-me, porque ninguém 'conhece o que se passa num homem, senão o seu espírito, que nele reside'. Há, porém, coisas no homem que nem sequer o espírito que nele habita conhece. (...) Sei que em nada podeis ser prejudicado, mas ignoro a que tentações posso ou não posso resistir. Todavia, tenho esperança, porque sois fiel e não permitis que sejamos tentados acima das próprias forças. Com a tentação, dai-nos também os meios para a podermos suportar. (AGOSTINHO, Confissões, in Os Pensadores, 1990, p. 263)

Finalizaremos com Toda Nudez Será Castigada, não com uma citação do texto, mas como uma cena criada pelo diretor Antunes Filho, a demonstrar pleno conhecimento do material sobre o qual trabalhava. Morta, Geni está depositada em seu caixão; o cortejo fúnebre se inicia, e o esquife é levantado por quatro homens, sustentando o peso nos ombros. Acima deles, levantam-se lentamente os dois braços de Geni, com as palmas da mão unidas, em sinal de prece, redenção, ascensão, elevação de sua alma ao destino fatal. Definitivamente, não é um espetáculo de costumes.

Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, Santo. *Os Pensadores*, Rio de Janeiro: Editora Nova Cultural, 1990.
- ARENDT, Hannah. *O Conceito de amor em Santo Agostinho*, Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1980.
- CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico*, São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2000.
- NUNES, Luiz Arthur. *O teatro de Nelson Rodrigues*, Rio de Janeiro: Editora do Centro Cultural Banco do Brasil, 1994.
- PESSANHA, José Américo. Nota. *Vida e Obra de Santo Agostinho*, Os Pensadores, Rio de Janeiro: Editora Nova Cultural, 1990.
- RODRIGUES, Nelson. *Teatro Completo de Nelson Rodrigues*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

Artigo enviado em 08/10/2009, aceito em 02/12/2009.